

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO ENSINO DE LÍNGUA JAPONESA NO AMAZONAS

THE HISTORIC TRAJECTORY OF JAPANESE LANGUAGE TEACHING IN AMAZONAS

Ken Nishikido¹

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2269-3752>

Recebido em: 13/12/2020

Aprovado em: 06/01/2021

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo levar ao público, principalmente aos docentes que atuam na área de ensino de língua japonesa, a trajetória histórica do ensino de língua japonesa no Amazonas e a sua importância no cenário do ensino de línguas. A investigação contribuirá tanto no aspecto cultural como no educacional. Aos estudantes de língua japonesa poderá servir como eventual fonte de pesquisa para trabalhos acadêmicos, tanto na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), onde existe o Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa, quanto nas Escolas Estaduais de Ensino Bilíngue de Língua Portuguesa/Japonesa, de Ensino Fundamental e Médio. Para tanto, o

ABSTRACT

This article aims to make the public aware, especially to teachers working in the area of Japanese language teaching, regarding the historical trajectory of Japanese Language teaching in Amazonas and its importance, in order to contribute both in the cultural aspect as well as educational. Japanese language students will be able to serve as an eventual source of research for academic works, both at the Federal University of Amazonas (UFAM) where there is a Language Course – Japanese Language and Literature, and at the State Bilingual Schools of Portuguese / Japanese Language, of teaching Elementary School and High School. For this, this work was elaborated looking mainly for the sources of informa-

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Presidente da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental em Manaus (NIPPAKU). Contato: kennishikido@hotmail.com

artigo aborda as fontes de informações de materiais elaborados em língua japonesa, pois até recentemente (menos de 20 anos) foram os imigrantes da primeira geração que trataram de registrar e elaborar, em língua japonesa, os acontecimentos pertinentes ao ensino do japonês no Amazonas. Significa, nesse sentido, que investigar sobre a trajetória do ensino da língua japonesa no Amazonas é estabelecer a conexão com a história da imigração japonesa no Amazonas, pois como afirma Morales (2010, p. 2) “[...] toda trajetória do ensino de língua japonesa no Brasil não pode ser dissociada desse contexto que começou com a imigração de japoneses até chegar ao processo de integração de seus descendentes à sociedade brasileira [...]”.

Palavras-chave: Ensino de língua japonesa. Imigração Japonesa. Amazonas.

tion in the materials elaborated in Japanese language, because until recently (less than 20 years before) it was the first generation immigrants who tried to register and elaborate in Japanese, the pertinent events teaching Japanese in the Amazon. It means, in this sense, that investigating the trajectory of Japanese language teaching in Amazonas is to establish the connection with the history of Japanese immigration in Amazonas, because as stated by Morales (2010, p. 2) “[...] the entire trajectory of Japanese language teaching in Brazil cannot be dissociated from the context that started with the immigration of Japanese people until it reached the process of integrating their descendants into Brazilian society [...]”.

Keywords: Japanese Language Teaching. Japanese Immigration. Amazonas.

1. Introdução

Ao participar de uma palestra do Curso de Treinamento oferecido pela JICA², deparei-me com uma citação de um docente detentor de amplo conhecimento e de muita afinidade com o ensino de língua japonesa na América Latina. A argumentação do professor parecia um provérbio, conforme destacado a seguir: “Não se consegue aprender a verdadeira língua japonesa, sem conhecer a cultura japonesa” (Nagano, 1996³). Por analogia, poderia se dizer também que “não se consegue falar sobre o ensino de língua japonesa no Amazonas, sem falar da história de Imigração Japonesa no Amazonas”. É como assevera Morales “[...] toda

² Agência de Cooperação Internacional do Japão (Japan International Cooperation Agency).

³ Citação do Professor Tadashi Nagano, da Universidade de Tamagawa/Tokyo.

trajetória do ensino de língua japonesa no Brasil não pode ser dissociada desse contexto que começou com a imigração de japoneses até chegar ao processo de integração de seus descendentes à sociedade brasileira [...]” (MORALES, 2010, p. 2). Nesse sentido, a presente investigação faz um breve comentário sobre a história de Imigração Japonesa no Amazonas, antes de adentrar no tema proposto.

A imigração japonesa no Amazonas se concretizou quando os primeiros imigrantes patrocinados pela empresa Amazon Kogyo chegaram à sede do município de Maués⁴, em 1929, para se dedicarem na produção de guaraná, conhecido entre os amazônidas como “o miraculoso produto de longevidade”. Em 1931, os concludentes da Escola Superior de Colonização do Japão, os “*Koutakusei*”, aportaram na sede do município de Parintins⁶ e obteve o sucesso no cultivo de juta indiana que constituía matéria prima para embalar o principal produto de exportação do Brasil na época, o café, que por sua vez contribuiu, de certa forma, para preencher o vazio econômico deixado pelo declínio da era áurea da borracha. Por causa da contribuição mencionada, e também pela perseverança, atitude digna e sincera dos imigrantes, os brasileiros residentes no Amazonas declararam: “japonês é garantido”, atribuindo, desta forma, sua a total confiança (YAMANE, 1980).

Em março de 1953, chega ao Amazonas o primeiro grupo de imigração pós-guerra no Brasil, ficando conhecido como os imigrantes da juta, em razão de acordo contratual para trabalhar na exploração de juta, nas fazendas dos nipônicos já estabelecidos antes da guerra. Em setembro do mesmo ano, vieram o grupo de imigrantes japoneses para a colônia Bela Vista, no município de Manacapuru, sob a jurisdição do Governo Federal, com intuito de desenvolver atividades agrícolas. Em novembro de 1958, aportaram os primeiros imigrantes contratuais com governo do estado do Amazonas, para colônia Efigênio de Sales, que se localiza ao longo da rodovia Torquato Tapajós (AM 010), os quais contribuíram no abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros.

Em 1967, com a implantação da Zona Franca de Manaus pelo governo brasileiro, empreendedores locais, de outras regiões brasileiras e de outros países foram beneficiados com incentivos fiscais concedidos para o setor, de modo que produtos japoneses de qualidade, com valor acessível, atraíram muitos turistas provenientes de todo Brasil e do mundo. Consequentemente, os imigrantes japoneses igualmente foram beneficiados, uma vez que houve o aumento na venda de produção hortifrutigranjeira, como resultado do aquecimento no setor comercial que suscitou a vinda de uma massa populacional para a capital. Além disso,

⁴ Localizada à margem direita do Rio Maués Açu distante de Manaus a 268 quilômetros, em linha reta.

⁵ Koutakusei: é o termo abreviado de Koutou Takushokugakkou Seito, cuja tradução é: Aluno da Escola Superior de Colonização.

⁶ Localizado à margem direita do Rio Amazonas distante de Manaus a 369 quilômetros em linha reta.

na década de 1970, tem início a implantação do Distrito Industrial (Polo Industrial de Manaus) com destaque na indústria de capital japonesa nos setores eletroeletrônicos e de duas rodas. Esses fatores, propiciaram aos imigrantes japoneses no Amazonas e seus descendentes mais opções de trabalho e, por sua vez, melhorias de vida. É, portanto, nesse contexto, que se estabelece o ensino de língua japonesa no Amazonas, concentrando, na atualidade, um número elevado de estudantes. Segundo dados obtidos pelo relatório semestral do Curso de Língua Japonesa da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental nos últimos 10 anos (de 2010 a 2020), a matrícula em língua japonesa é superior a 600 alunos por período semestral, somente nesta instituição. Além disso, em 2016, estabeleceu-se a Escola Estadual de Tempo Integral Professor Djalma da Cunha Batista como a primeira escola bilíngue Português-Japonês no Brasil, o que chamou a atenção de outras regiões brasileiras, assim como do governo japonês. Diante de tal realidade, surgem alguns questionamentos: Como foi o processo de ensino-aprendizagem desde a chegada dos imigrantes japoneses no Amazonas? Quais instituições ensinam a língua japonesa no Amazonas? Por que o governo do estado do Amazonas teve a iniciativa de implantar a Escola Bilíngue Português-Japonês? Por meio da história de ensino da língua, pretende-se redarguir a tais questionamentos.

2. Ensino de língua japonesa no Amazonas

O ensino de língua japonesa no Amazonas, possivelmente igual a outras regiões brasileiras, se inicia no seio familiar, no intuito de ensinar as crianças imigrantes e crianças descendentes. Posteriormente, reunia-se as crianças da colônia na residência de algum imigrante e o ensino-aprendizagem era ministrado por donas de casa, aos domingos, quando havia folga do trabalho na roça. Com estabilidade econômica e com estrutura sólida em comunidade, o ensino passa a ser ministrado em associações comunitárias, basicamente para os descendentes.

Na década de 60 já é possível presenciar estudantes não descendentes de língua japonesa, ainda que de forma tímida. A partir das décadas seguintes, constata-se o aumento gradual no quadro de estudantes não descendentes, de modo que, na atualidade, cerca de 80% dos estudantes são brasileiros não descendentes, segundo informações obtidas pela Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental. Levando em consideração outras instituições e escolas que atuam no ensino-aprendizagem da língua japonesa, é possível estimar um número significativo de estudantes de japônês.

Por questões didáticas, desenvolveu-se neste artigo as informações em ordem cronológica, subdividindo a história de ensino de língua japonesa em duas categorias, tendo como divisor a Segunda Guerra Mundial.

2.1 Ensino de língua japonês anterior à Segunda grande Guerra: filhos dos imigrantes

Na história de imigração japonesa no Amazonas, tanto dos imigrantes de Amazon Kogyo que vieram para Maués, em 1929, bem como dos concludentes da Escola Superior de Colonização do Japão, os “*Koutakusei*”, que vieram para Parintins, em 1931, e até mesmo os que imigraram para colônias próximas de Manaus na retomada da imigração, quase na sua totalidade, não tinham o pensamento de “amealhar e retornar para o Japão”. No entanto, o sentimento de amor à terra natal fez ensinar a língua japonesa aos seus filhos. Os familiares que imigraram para Maués vieram até preparados, no intuito de, no futuro, enviar os seus filhos ao Japão para estudar; tanto prova que trouxeram os materiais didáticos e ministraram as aulas, tendo inicialmente como professor, o imigrante Takashi Kamizono, e após a migração deste para São Paulo, a imigrante Tsutae Okawa prosseguiu o ensino (YAMANE 1980). Em Parintins, a imigrante Saeko Kozasa ministrava a aula de língua japonesa na Vila Amazônia⁷. Todavia, com a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, em 1941, o Japão sendo inimigo dos países aliados, os imigrantes passaram a sofrer perseguição. Os seus bens foram confiscados e eles foram proibidos de falar a língua japonesa. E, naturalmente, para sobreviver no Brasil, a prioridade era aprender a língua portuguesa.

2.2 Ensino de língua japonesa no período pós-guerra

A retomada da imigração japonesa no Amazonas aconteceu em março de 1953, quando o pioneiro grupo de 17 famílias, em caráter contratual, se destinou para a região do Baixo Amazonas, com o fito de trabalhar na produção de juta, porquanto ficou conhecido como “imigrantes da juta”. Ainda, durante a década de 50, outros grupos foram assentados nas colônias Bela Vista e Efigênio Salles, sob a administração do Governo Federal e Estadual, respectivamente. Não obstante, esses japoneses que passaram por crises econômicas e sociais no Japão do pós-guerra, enfrentando inclusive a escassez no abastecimento de alimentos, no Amazonas, enfrentaram uma realidade muito aquém do previsto, enfrentando óbices inimagináveis, como doenças tropicais, trabalhos árduos e de riscos como o desmatamento e as queimadas, estranhamentos da língua e da alimentação etc. Apesar das dificuldades, nunca deixaram de ensinar a língua japonesa aos seus filhos.

⁷ Antes chamada de Vila Batista cuja localização está na confluência do Paraná do Ramos com o Rio Amazonas, adquirida pelo Sr. Tsukasa Uetsuka para ser implantada a sede do projeto, por ser um ponto estratégico.

Nesse caminho, há registros da época (1954) em que as donas de casa Sekiko Tsuji e Hisae Ideta, fixadas na colônia Bela Vista, ensinavam a língua japonesa, reunindo as crianças da vizinhança no final de semana, dias em que se dava a folga no trabalho agrícola. “Nos anos de 1959 e 1962, o imigrante Katsuji Fujita, que veio de São Paulo visitar seus parentes, ministrou aulas de língua japonesa aos filhos dos colonos, durante o período de seis meses de cada ano, mas após seu retorno não houve a continuidade” (ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL (NIPPAKU), 1999, p. 151-152).

Na década de 1970, a cidade de Manaus, beneficiada pela Zona Franca de Manaus, com o mercado econômico em franco desenvolvimento, viu renascer o progresso outrora vivenciado no período áureo da borracha. Paralelamente, a vida da sociedade *nikkei* local também se tornou mais abastada. Os descendentes já integrados à cultura brasileira cuja geração estava passando da segunda para a terceira, distanciavam-se da convivência da língua japonesa, razão pela qual algumas imigrantes resolveram assumir o compromisso de ensiná-los. Assim, em 1972, a imigrante Hisae Ideta, já fixada na Colônia Cachoeira Grande⁸, resolveu ensinar as crianças da vizinhança, em sua residência, paralelamente à atividade doméstica, no intuito de aproximá-las da língua e da cultura japonesas.

Outrossim, entre 1969 a 1970, na Casa dos Estudantes Japoneses de Manaus⁹, uma acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Kazuko Kakitani, *nikkei* de segunda geração de descendentes de japoneses, procedente do estado de Paraná, teve a iniciativa de ministrar o Curso noturno de Língua Japonesa, reunindo os estudantes moradores na dependência Casa dos Estudantes. No entanto, abre-se uma lacuna no ensino de japonês no ano de 1971, uma vez que a acadêmica retorna para a sua terra natal. Em 1972, o imigrante Hisahiko Kanda¹⁰, deu a continuidade ao curso noturno de Língua Japonesa. Na época, poucos alunos frequentavam o seu curso, mas já era possível identificar alguns não descendentes em busca do aprendizado da língua japonesa.

Na Colônia Efigênio de Salles, a Associação dos Jovens de Efigênio de Sales planejou o ensino de Língua Japonesa para ensinar crianças e adolescentes em 1975. Em fevereiro do ano seguinte, o planejamento é posto em execução. As aulas foram ministradas nos dias de sábado, tendo como professor o imigrante Yoshihiro Miki (ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL, 1999, p. 148). Em 1979, a imigrante Katsuko Koba sucede o ensino até 2016. Atualmente, a descendente nissei, Harue Ikeda, tem dado continuidade ao ensino de japonês nos finais de semana.

⁸ Colônia localizada entre os bairros de: Parque Dez de Novembro, Aleixo e Cidade Nova cujos colonos foram os imigrantes que se transferiram de Colônia Bela Vista e de Efigênio de Sales.

⁹ Local onde funciona o atual endereço da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental – NIPPAKU.

¹⁰ Imigrante da 2ª Leva da Colônia Bela Vista (em 1954) do Município de Manacapuru/AM.

Em 1977, com a iniciativa da Associação Cultural Nipo-Brasileira de Manaus, atual Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental, foi implantada a Escola de Língua Japonesa de Manaus, aproveitando os compartimentos vagos da Casa dos Estudantes, tendo como professoras as imigrantes donas de casa. Na década de 80, os funcionários da empresa multinacional japonesa, instalada no Polo Industrial de Manaus, com intuito de auxiliar nos seus trabalhos, começaram a frequentar o curso noturno de Língua Japonesa, de maneira que, em meados da década mencionada, chegou a ter cerca de 180 alunos matriculados. No entanto, no início de 1990, com o surgimento de diversas faculdades particulares noturnas, o número de alunos, em sua maioria, funcionários do Distrito Industrial, reduziu drasticamente, chegando a menos de 80 alunos, uma queda significativa na demanda pelo curso noturno de Língua Japonesa. Buscando outra possibilidade para atrair os alunos que deixaram de frequentar o curso noturno, a opção foi abrir um curso de japonês aos sábados, uma vez que havia espaços subutilizados, situação decorrente das reformas realizadas em 1989, como parte do Ano Comemorativo de 60º Ano de Imigração Japonesa no Amazonas. Dessa forma, a partir de 2002, gradativamente, o número de alunos começou a aumentar. Em 2019, chegou a um número recorde de 728 alunos matriculados no semestre; ano significativo, pois comemorou-se o 90º Ano de Imigração Japonesa na Amazônia. Em 2020, a NIPPAKU conta com uma equipe de 27 professores e 7 assistentes¹¹; dos quais 17 professores são descendentes, 10 professores são não *nikkei*, 3 assistentes *nikkei* e 4 assistentes não *nikkei*, atuando de forma integrada, para atender cerca de 600 alunos por semestre, sendo que 80% dos estudantes de língua japonesa da instituição não são *nikkei*.

Nessa perspectiva, vale salientar que a presença de empresas multinacionais japonesas no Polo Industrial de Manaus propiciou a implantação da Escola Japonesa de Manaus (1981), uma instituição de ensino reconhecida pelo Ministério de Educação, Ciência e Tecnologia do Japão, para oferecer a educação aos filhos dos japoneses de permanência temporária que vêm trabalhar no Distrito Industrial. Contudo, pelo fato de ter poucos alunos japoneses, a Escola Japonesa de Manaus implantou, em 1993, o Curso Cultural Matutino de ensino de língua japonesa, abrindo a possibilidade de filhos dos *nikkei* residentes na capital estudarem junto com os estudantes japoneses durante a semana, propiciando o intercâmbio cultural e compartilhamento de conhecimento.

A partir da década de 90, percebe-se um número crescente de instituições que proporcionam o ensino de língua japonesa no Amazonas, além dos já existentes. Foi fundada, em 1990, a Escola Professora Josephina de Melo, na Colônia Cachoeira Grande, uma das

¹¹ Dados de obtido do Relatório Semestral de 2020 do Curso de Língua Japonesa da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental.

primeiras escolas particulares a implantar o regime de tempo integral, adotando a língua japonesa como língua estrangeira obrigatória na grade curricular, devidamente reconhecida pela Secretaria de Estado de Educação do Amazonas – SEDUC/ AM. Em 1995, foi fundada a Escola de Língua Japonesa Nemunoki na Igreja Tenrikyo de Manaus, localizada na colônia Cachoeira Grande, visando o ensino de língua japonesa, com ênfase na conversação. Já em 2001, a imigrante Ayako Umetsu implanta o Curso Kumon de Língua Japonesa. O município de Parintins, em 2009, foi beneficiado com a construção do Centro de Educação Tadashi Inomata, incentivado pelo recurso financeiro oriundo do Governo do Japão. Com a construção da sede, o município organizou um plano para o ensino da língua japonesa, tendo início, efetivamente, em 2010, com a chegada de uma professora japonesa, voluntária da JICA. Atualmente, não existe nenhum professor voluntário. No entanto Iracema Hatta, descendente de *Koutakusei* de 3ª geração, deu continuidade ao ensino desse idioma e, posteriormente, a professora Paula Mayumi Sakamoto, também da 3ª geração, continua com o ensino de língua japonesa em Parintins.

Também em 2009, teve início o Curso de Língua Japonesa no Projeto CEL (Centro de Línguas) da Ufam, como requisito inicial para a implantação do Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa, tendo como professora Linda Midori Tsuji Nishikido.

Em 2010, foi implantada na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, o primeiro curso de graduação em Letras – Língua e Literatura Japonesa na Região Norte do Brasil e oitavo curso universitário de toda Unidade Federativa. Iniciou-se efetivamente o curso, em 2011, com trinta alunos matriculados. Os filhos dos *Koutakusei*, que devido à ironia do destino não puderam estudar a língua japonesa, dedicaram o seu sonho aos seus filhos e seus netos e planejaram fundar o Curso de Língua Japonesa na universidade, no Ano Comemorativo de 80º Ano de Imigração de *Koutakusei* no Amazonas, ano comemorativo de 2011. Vale ressaltar que para a concretização do curso de graduação em japonês, a presença do Vice-Reitor da Ufam na época, Professor Dr. Gerson Nakajima, descendente de *Koutakusei*, foi fator determinante na implantação do curso superior de língua e literatura japonesa. Assim, após 5 anos, em 15 de janeiro de 2016, formou-se a primeira turma do curso, considerado como um ano de marco histórico no Ensino de Língua Japonesa no Amazonas e exatamente um mês depois, no dia 15 de fevereiro, acontece a reinauguração da Escola Estadual de Ensino Fundamental Djalma de Cunha Batista, tendo como característica de Escola Bilíngue de Língua Portuguesa e Língua Japonesa, a primeira do Brasil. Para o ensino de língua japonesa e de outras disciplinas em japonês (Matemática e Ciências), a escola contratou os professores recém-formados e alunos finalistas de Curso de Língua Japonesa da Ufam.

A implantação de uma escola bilíngue português-japonês foi uma iniciativa do governo do Estado, em parceria com o Consulado Geral do Japão em Manaus, Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental e Universidade Federal do Amazonas. Segundo Vicente Nogueira, Secretário de Educação (2019/2020), “o nosso reconhecimento não é apenas pelo aprendizado da língua [japonesa], mas também pelos valores morais, éticos e organizacionais da cultura japonesa” (FATO AMAZÔNICO, 2020). Nesse aspecto, observa-se que a iniciativa dos representantes educacionais do governo em introduzir o ensino de língua japonesa na rede pública do Amazonas visa propiciar não somente o ensino da língua, mas outros elementos fundamentais da educação japonesa, tais como a disciplina, a solidariedade e o respeito mútuo. A ideia de implantação da escola bilíngue partiu da iniciativa do próprio governo do estado por meio da Secretaria de Educação, não havendo, inicialmente, nenhuma participação por parte da comunidade *nikkei* local. Soube-se posteriormente, na ocasião da Cerimônia de Visita do Embaixador do Japão no Brasil, o diplomata Kunio Umeda, à escola mencionada, que o Secretário de Educação na época, Rossieli Soares da Silva, havia mantido contato com representante do Consulado Geral do Japão em Manaus sobre o projeto bilíngue. Em 2019, ampliou-se o sistema de ensino bilíngue Português-Japonês para o Ensino Médio, na Escola Estadual Jacimar da Silva Gama, de modo que, em 2020, o ensino de japonês abrange estudantes da escola pública, tanto do Ensino Fundamental¹² quanto do Ensino Médio.

Embora a iniciativa não tenha partido da comunidade *nikkei* local, há de se perceber que a implantação da Escola Estadual Bilíngue Português-Japonês é o resultado de um processo que se iniciou com a vinda dos grupos de imigrantes japoneses para o Amazonas, enfrentando desafios no novo espaço, conseguindo, ao longo dos anos, inserirem-se na sociedade local, propagando a cultura nipônica e dando continuidade ao ensino dessa língua. Esses requisitos foram fundamentais para consolidar a implantação da escola Estadual Bilíngue Português-Japonês, pois de acordo com o Parâmetro Curriculares Nacionais, para se incluir no currículo de ensino uma língua estrangeira é necessário atender, no mínimo, três fatores que são: “fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais e fatores relativos à tradição (BRASIL, 1998, p. 22)”.

¹² Ensino a partir do 6º ano.

3. Considerações finais

Considera-se que existem, nos bastidores, fatores que favoreceram a consolidação do cenário atual de ensino de Língua Japonesa no Amazonas, quais sejam: o trabalho dos representantes da comunidade *nikkei* em propiciar o ensino da língua atrelado à cultura japonesa de forma acessível, com um valor de mensalidade atrativo se comparados com cursos de outras línguas estrangeiras, e a promoção de eventos culturais como o *bon-odori*, competição de *karaoke*, *miss nikkei* etc. em que podem ser apreciadas culinárias e danças típicas japonesas; na capital, as empresas multinacionais japonesas têm uma participação expressiva no setor do Polo Industrial da Zona Franca de Manaus que, de certa forma, priorizam o trabalhador com o conhecimento da língua japonesa. Tais fatores já destacados justificam o ensino de japonês. Contudo, não é o principal fator, uma vez que a demanda pelo ensino de língua japonesa manteve um patamar elevado, mesmo em uma conjuntura de crise na economia brasileira, com o fechamento de muitas empresas, inclusive de origem japonesa. A procura pelo ensino do japonês como um diferencial no conhecimento das línguas estrangeiras permaneceu, mesmo após a crise econômica no país.

Por conseguinte, toda vez que observamos os professores e estudantes não *nikkei* participando com afinco das atividades de ensino-aprendizagem da língua japonesa, percebe-se o quão importante tem sido a inserção deles no sistema. Constatamos que a atuação eficiente dos professores e assistentes não *nikkei* contribui para que a aprendizagem da língua japonesa aconteça no Amazonas com qualidade.

Considera-se, outrossim, que o fator preponderante para a implantação da escola bilíngue português-japonês pelo governo do estado do Amazonas está relacionado à história de imigração japonesa no Amazonas e sua contribuição no desenvolvimento econômico regional. A comunidade *nikkei* e respectiva quantidade de descendentes no Amazonas são muito inferiores em relação à Região Sudeste do Brasil em termos absolutos; no entanto, se tratar de termos proporcionais como seria? Baseado em fatos da história de imigração, o setor produtivo que, devido ao declínio da “era áurea da borracha”, estava praticamente sem alternativa de produção econômica; com a introdução do cultivo de juta, produção esta que chegou a preencher até 35% do PIB do Amazonas, contribuiu também no desenvolvimento de forma geral, e, para finalizar, com a implantação da Zona Franca de Manaus, tanto no setor comercial bem como no setor industrial, os comunitários *nikkei* e as empresas de capital japonesa participaram diretamente no desenvolvimento econômico.

Para finalizar, destacamos que a NIPPAKU, enquanto instituição representativa da comunidade *nikkei* radicado no Amazonas, se fundamenta na credibilidade construída pelos

pioneiros da imigração japonesa no Amazonas. Dessa forma, infere-se que a sua responsabilidade como instituição para corresponder à altura da expectativa da comunidade é grande. E o apoio de outras instituições como a Universidade Federal do Amazonas, Câmara do Comércio e Indústria Nipo-Brasileira do Amazonas e Governo do Japão por meio do Consulado Geral do Japão em Manaus tem sido fator primordial para manter a atual realidade do ensino de língua japonesa no Amazonas.

4. Referências

APRENDA como chegar a ilha de Parintins (AM). In **acrítica.com** (versão digital). Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/aprenda-como-chegar-a-ilha-de-parintins-am>. Acesso em 08 nov. 2020.

ASSOCIAÇÃO Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental. **Midori – Edição Comemorativa de 70º Ano de Imigração Japonesa na Amazônia Ocidental**. São Paulo: Editora Toppan Press, 1999.

ASSOCIAÇÃO Nipo-Brasileira de Bela Vista. **Edição Comemorativa de 30º Ano de Fundação da Colônia Bela Vista**. São Paulo: Editora Toppan Press, 1986.

ASSOCIAÇÃO Nipo-Brasileira de Efigênio de Sales. **Amazono – Edição Comemorativa de 50º Ano de Fundação da Colônia Efigênio de Sales**. São Paulo: Editora Toppan Press, 2010.

ASSOCIAÇÃO Nipo-Brasileira de Efigênio de Sales. **Amazono – Edição Comemorativa de 20º Ano de Fundação da Colônia Efigênio de Sales**. São Paulo: Editora Toppan Press, 1983.

ASSOCIAÇÃO Koutaku do Amazonas. **A saga dos Koutakuseis no Amazonas – Uma história de pioneirismo, sofrimento, perseverança e sucesso**. Manaus: 2011.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA de Comércio e Indústria Nipo-Brasileira do Amazonas. **Manaus – Edição Comemorativa de 5º Ano de Fundação**. São Paulo: Editora Toppan Press, 1993.

CÂMARA de Comércio e Indústria Nipo-Brasileira do Amazonas. **Manaus – Edição Comemorativa de 20º Ano de Fundação**. São Paulo: Editora Toppan Press, 2007.

FATO Amazônico. Disponível em: <https://www.fatoamazonico.com.br/ensino-bilingue-uma-imersao-educacional-e-cultural-no-amazonas/>. Acesso em 10 nov. 2020.

KAWADA, Takuya. **Histórico da Imigração Japonesa no Estado do Amazonas**. Manaus: FIEAM, 1995.

MAUÉS, André. **Descobrimo o Amazonas: o eldorado é aqui**, 2010. Disponível em: <<http://descobrimooamazonas2.webs.com/maus.htm>>. Acesso em 07 nov. 2020.

MORALES, Leiko Matsubara. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira**. 2008. Tese (doutorado) – Área de Concentração em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Pós-Graduação em Linguística. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28052010-140321/pt-br.php>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. **Imigração Japonesa no Estado do Amazonas – à luz da Teoria das Relações Internacionais**. Edua, 2010.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de; NISHIKIDO, Ken. O ensino da língua japonesa no Amazonas. In **Estudos Japoneses/Centro de Estudos Japoneses. Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Oficina Editorial nº 32 ISSN 1413-8298, 2012.

YAMANE, Kazuma. **Amazon de nihonjin wa garantido to yobareta**. Tokyo: Editora Nomura, 1980.